

MAL  
VAD  
A

PROJETO DE CRUZAMENTO  
DISCIPLINAR

MALVADA.ART

—  
CRIAÇÃO  
ANA LUENA & JOSÉ MIGUEL SOARES

CORPO

ENCENAÇÃO, COCRIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO  
NUNO NOLASCO

MÚSICA E INTERPRETAÇÃO  
MARIANA RAMOS CORREIA

TEXTO ORIGINAL  
FILIPA LEAL

—  
2024 – 2025

## PROJETO CORPO

No projeto de cruzamento disciplinar CORPO, com criação de Ana Luena & José Miguel Soares e Nuno Nolasco, explora-se questões identitárias da relação com o corpo enquanto outro. Mas o corpo não é tão só corpo, ele transforma-se com o progresso da cultura, da ciência, da tecnologia e da inteligência artificial. Este projeto de cruzamento disciplinar de caráter experimental assenta na visão do corpo humano não apenas como organismo que precisa de se alimentar, que sobrevive ou morre, mas como coisa que está no mundo e por isso a necessidade de o entender. Parte-se da ideia de que existir e estar vivo é uma percepção composta por milhares de sensações simultâneas e que o nosso mundo não é um único e o nosso corpo também não é apenas um, é múltiplo.

O momento de investigação e pesquisa em torno de ensaios e referências sobre o corpo, aconteceu em Évora, na residência de escrita e dramaturgia, em que a autora Filipa Leal escreveu o texto e orientou uma masterclass, e em sessões de exploração da cena, em que se juntou a Mariana Ramos Correia, que assume a criação musical e interpretação.

Na residência no Espaço do Tempo, de 12 a 23 junho, criou-se o espetáculo, cujo resultado foi partilhado num ENSAIO ABERTO. A performance resultante desta residência de criação é um objeto artístico cujo formato é desenhado para circular, e ser apresentado em blackbox ou adaptado a espaços alternativos numa dinâmica site-specific.



“Antes ainda das necessidades primárias (alimentação, abrigo, etc.) surge a necessidade do piso zero: ter um corpo que se reconhece; em volta, para o mundo e depois para si próprio, e dizer, calmamente: eu estou aqui, *pelo menos tenho um corpo*”, escreve Gonçalo M. Tavares no livro que nasceu da sua tese de doutoramento. Nesta obra, “Atlas do corpo e da imaginação” (ed. Relógio d’Água, 2019), todas as imagens são de “Os Espacialistas”. Um Atlas, portanto, que é, em si mesmo, a viagem. Algumas paragens fundamentais são, neste caso: corpo e identidade (com a referência a Oliver Sacks e ao diagnóstico de “perda da propriocepção” – “é como se o corpo cegasse”); corpo e dor (do ‘corpo como bem último’ à ‘propriedade dos prazeres e das dores’); ou a relação do corpo com a linguagem (‘leitura e criação’; ‘prazer de texto-prazer de corpo’) e com a poesia (‘pulmões e poesia’; ‘respiração/poesia’).



## A LENTIDÃO DO MUNDO

Três corpos, três vozes, três tempos.

A mulher que limpa calmamente a piscina, ou a mulher deitada, a apanhar laranjas.

O atleta, ou nadador, o rapaz que vive da velocidade.

O homem sentado, ou o pai envelhecido, que nunca se viu ao espelho.

Três personagens cujos corpos contêm vários corpos, num jogo de identidades que se alteram na relação com o outro, na relação com a própria vida a avançar mais ou menos intensamente, mais ou menos dolorosamente, mais ou menos lentamente.

*“Possuo a lentidão do mundo. (...) Não posso deixar de sorrir ao pensar no que sei./ As folhas e as pétalas esperam-me. Estou pronta”,* escreveu Sylvia Plath no poema a três vozes “Três Mulheres”. No texto de Plath (poema radiofónico emitido na BBC3 em 1962, antes da publicação do livro), as três personagens são três variações da mesma mulher. No texto de Filipa Leal, as três personagens relacionam-se, de forma distinta, com os seus próprios corpos, e com os seus próprios mundos. Ou, afinal, talvez estas personagens, estes corpos, sejam apenas três variações do mesmo mundo.



Eu não sei viver sem o meu corpo. Ninguém sabe, ninguém pode, claro, mas o que tento dizer é que eu vivo do meu corpo. Sim, como toda a gente, mas há gente que pode parar de trabalhar o corpo, de trabalhar com o corpo. Nós não. Nós vivemos na protecção ambiciosa do corpo. Nós vivemos para recuar nas bebedeiras, para dormir cedo, para treinar, para ganhar.

Naquele dia, a vida dele parecia uma competição com ninguém. Talvez a vida de todos seja apenas isso. É sempre contra nós que estamos, se competimos com a velocidade do mundo, se competimos pela nossa velocidade no mundo. Se nos cronometramos nas paixões, nas desilusões.

Fiquei a pensar o que faria a mãe dele no meu lugar. O que faria a minha mãe no meu lugar. Nem me ocorreu pensar no meu pai, no que faria o meu pai no meu lugar. Pior do que isso, não me ocorreu pensar o que faria eu mesmo no meu lugar. O que deveria fazer eu, se fosse o pai que devia ser, que devia ter sido. Pai de corpo presente e não pai de corpo ausente.





## NOTAS SOBRE A ENCENAÇÃO POR NUNO NOLASCO

Investigar ou pensar o corpo em 2024. O corpo como matéria anatómica ou como centro emotivo e intelectual do ser? O corpo na física é chamado muitas vezes de objeto. Isto inclui determinar a posição e orientação no espaço, tal como as suas mudanças, resultado pela interação de forças. Uma laranja pode ser só uma laranja ou um aglomerado de partículas. Mas uma laranja pode ser também o sabor e cheiro da casa da nossa avó, ou a cor daquela aurora para a qual acordámos juntos. Mas se na relação sujeito-objeto, o sujeito estuda o objeto, não é também o sujeito sempre objeto de estudo?

Em CORPO procuramos a relação entre o nosso corpo, o corpo do outro ou até o “não corpo”. Esta pesquisa é feita através do diálogo entre dois planos - o real e a ficção. No real, o aqui e agora - dois corpos de dois performers que atuam sobre a violência, a beleza, a proporção, a harmonia, a inteligência, a prótese, o plástico-cirúrgico, a dor, a lesão, o tecnológico. Na ficção, o texto escrito por Filipa Leal, três vozes, três corpos, três tempos, talvez três variações do mesmo mundo. Estes dois planos dialogam num universo “atletico” de uma piscina rodeada de laranjeiras frondosas, em que a água pode ser de um azul Yves Klein.

Se em 2024 somos bombardeados com a obsessão pela cultura do corpo atlético, saudável e ativo, em CORPO sabemos que o virtuosismo ou endeusamento de um atleta pode ser o pranto ou grito de ajuda dele próprio. Até porque, como bem sabemos, na cultura popular, o nosso corpo tem dias, ou os nossos olhos enganam. Como escreve Filipa Leal no texto para o espetáculo: “SEGUNDA VOZ - Ninguém devia amar um atleta. É demasiado perigoso amar alguém que destrói o próprio corpo em nome do sucesso do corpo, em nome da vitalidade do corpo.”

## FICHA ARTÍSTICA

Criação ANA LUENA & JOSÉ MIGUEL SOARES  
Encenação, cocriação e interpretação NUNO NOLASCO  
Texto original FILIPA LEAL  
Música e interpretação MARIANA RAMOS CORREIA  
Interpretação voz off CARLOS PAIVA, DIOGO BACH, ERICA RODRIGUES  
Espaço cénico e figurinos ANA LUENA  
Fotografia JOSÉ MIGUEL SOARES  
Assistente de produção executiva e comunicação SANDRA TEIXEIRA  
Apoio aos ensaios BEATRIZ GONÇALVES (estágio IIEFP)  
Costureira SUSANA DE OLIVEIRA - ATELIER CHÁ DE AGULHAS  
Apoio técnico som PEDRO MOREIRA  
Design gráfico JOANA AREAL  
Residência de coprodução O ESPAÇO DO TEMPO  
Produção MALVADA ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICA  
Agradecimentos LUÍS FERNANDES PISCINAS WELLNESS & SPA

A Malvada Associação Artística é uma estrutura financiada pela REPÚBLICA PORTUGUESA - CULTURA / DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES com o apoio do MUNICÍPIO DE ÉVORA

MALVADA ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICA  
malvada.art  
maa.producao@gmail.com  
Produção: +351 92 814 26 97

DIREÇÃO ARTÍSTICA E CRIAÇÃO  
malvada.info@gmail.com  
Ana Luena: +351 96 026 88 43  
José Miguel Soares: +351 96 560 19 66

## BIOGRAFIAS

**ANA LUENA (Luanda, 1974)**

Dramaturga, encenadora, cenógrafa e figurinista. É Mestre de Teatro - especialização em Encenação, da Escola Superior de Teatro e Cinema do IPP Lisboa. Frequentou o Curso de Encenação de Ópera da Fundação Calouste Gulbenkian e foi colaboradora da Casa da Música. Frequentou o doutoramento em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos, da Faculdade de Letras do Porto. Terminou o curso profissional de cenografia e figurinos da ACE, no Porto (1995). Fundou o Teatro Bruto em 1995 e foi diretora artística e encenadora durante 20 anos. Encenou entre outros: 'Lady & Macbeth' concerto encenado; 'É impossível viver', a partir de Franz Kafka; 'Objetos partidos', a partir de Afonso Cruz; 'O filho de mil homens' de Valter Hugo Mãe; 'Estocolmo', de Daniel Jonas; 'O sonho', de August Strindberg; 'A Tragédia de Romeu e Julieta', de William Shakespeare. Já lecionou na Universidade Évora, na ESMAE, ACE e BalleTeatro. Em 2016 muda-se para Évora. É fundadora da Malvada Associação Artística, onde assume a direção artística e a criação com José Miguel Soares, de todos os projetos. No âmbito da Malvada escreve e encena vários espetáculos.

**JOSÉ MIGUEL SOARES (Ponta Delgada, 1977)**

Fotógrafo e Psicólogo. Desenvolve projetos artísticos de fotografia de autor e de cruzamento disciplinar. Estudou Fotografia no Istituto Europeo di Design em Roma, Psicologia na Universidade de Lisboa, Psicologia Social na Università degli studi di Padova. Residiu em Lisboa e em Roma onde trabalhou em imagem e comunicação durante mais de uma década. Atualmente reside em Évora. Tem as suas fotografias publicadas em dezenas de revistas, desde publicações de grandes grupos editoriais a projetos editoriais independentes, em diversas áreas que vão da fotografia de celebridades à arquitetura, das produções de moda à fotorreportagem, da fotografia de cena a projetos de autor. Realiza fotografia e vídeo para agências e marcas nacionais e internacionais. Premiado e nomeado em concursos como Jovens Criadores, Prémio Autores SPA, Society for News Design. Em 2018 funda a Malvada Associação Artística, onde assume a direção artística e a criação com Ana Luena, de todos os projetos. No âmbito da Malvada é ainda autor de várias exposições.

**NUNO NOLASCO (Lisboa, 1987)**

Licenciado em Teatro-Atores e Mestre em Encenação pela ESTC. Pertenceu ao Teatro Garagem (2009-2017) e trabalhou como ator, encenador e videasta. Trabalhou com Dinis Machado, Alexis Henon, Maria Duarte, Ricardo Neves-Neves, John Romão e Sílvia Costa; em cinema com António Ferreira, André Santos, Marco Leão, Carlos Amara, Patrícia Sequeira, Vasco Araújo, Pedro Neves Marques, entre outros. Destaca a participação em 'The Scarlet Letter', de Angélica Lidell e 'La Passione', de Romeo Castellucci com a orquestra e coro Gulbenkian. Como criador salienta 'Memor + 1', 'We are not Penelope', cocriação com Joele Anastasi e António Pedraza, finalistas do prémio Dante Cappelletti, Teatro Índia (Roma), estreia FITT-Tarragona. Colaborou com a Malvada enquanto intérprete nos projetos 'Revela-me (2021)', 'Apneia' (2022), e Errante (2023).

**FILIPA LEAL (Porto, 1979).**

Tem 14 livros publicados, desde 2003. Duas das suas obras mais recentes, «Vem à Quinta-feira» e «Fósforos e Metal sobre Imitação de Ser Humano», foram finalistas do Prémio Correntes d'Escritas e semifinalistas do Prémio Oceanos. Está editada em Espanha e no Brasil (com o livro "A Cidade Líquida"); na Colômbia (com a antologia "En los días tristes no se habla de aves"); e em França (com a plaquete "La Ville Oubliée"). Formada em Jornalismo pela Universidade de Westminster (Londres), é Mestre em Estudos Portugueses e Brasileiros pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Está representada em várias antologias em Portugal e no estrangeiro (Venezuela, México, Grécia, Bulgária, Países Baixos ou Eslovénia). Poeta, jornalista e argumentista (destaque para o guião do filme "Jogo de Damas", com a realizadora Patrícia Sequeira – Prémio de Melhor Guião nos Festivais de Cinema do Chipre e de Copenhaga; e para a série "Mulheres Assim", RTP1). Colaborou com a escrita de textos na Escrita Epistolar do projeto PLANTA, da Malvada.

**MARIANA RAMOS CORREIA (Portimão, 1986)**

Portimonense, utiliza a voz e o violoncelo como meios de expressão artística, complementando-a com a dança, improvisada ou de cariz tradicional, e o teatro. Formada em Musicologia pela Universidade de Évora, frequenta o Curso de Voz na Escola de Jazz Luíz Villas-Boas (2017 e 2019, Hot Clube de Portugal). Atualmente é uma das produtoras executivas do projeto Ethno Orquestra em Portugal. Membro do coletivo InsanaCena, para o qual cocria a sonoplastia e interpretação da música ao vivo no espetáculo 'Haverá', (2019). Integra o elenco de 'Carta', de Mónica Calle, no Teatro Nacional D. Maria II, (2021), 'Invencível Armada' de UmColetivo, no São Luiz -Teatro Municipal de Lisboa (2023). Com a Malvada, faz a cocriação musical e integra o elenco de 'Pólis', e orienta a Oficina de Canto para Teatro em 'Eucalipto Gigante' (2022). Recentemente cocria e interpreta com Afonso Cruz o espetáculo 'O que a chama iluminou', no Festival Utopia, em Braga. Integra os projetos musicais 'O lado de dentro', 'Madrça', 'Um, dois, trio' e 'Orquestra do Bairro', sendo estes dois últimos projetos da Associação PédeXumbo.



## SOBRE A MALVADA

Fundada em 2018 por Ana Luena e José Miguel Soares, a dupla responsável pelas criações artísticas e direção deste projeto sediado em Évora, a Malvada aposta num território periférico como centro de criação e reflexão artística contemporânea.

A Malvada tem como fim a realização de projetos de criação que abrangem diferentes áreas artísticas e do conhecimento, frequentemente cruzando disciplinas como a fotografia, o vídeo, a literatura, a música, o teatro e a performance. Promove atividades de criação e fruição artística que envolvem a comunidade através da participação ativa em ações de mediação, serviço educativo, acessibilidade e inclusão social, potenciando uma relação de proximidade entre públicos diversificados e a obra artística.

ESTRUTURA FINANCIADA



CULTURA



RESIDÊNCIA DE COPIRODUÇÃO



APOIOS



COFINANCIADO

